

## **Erasmus, o humanismo e a Educação**

Erasmus, the humanism and the Education.

César de Alencar Arnaut de Toledo\*

**RESUMO:** O objetivo deste texto é apresentar e discutir a concepção pedagógica de Erasmo de Roterdão (1466/69-1536) especialmente a partir da obra: *A precoce e liberal educação das crianças (Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis)*, de 1509 e publicado em 1529 – relacionando-o com os ideais Humanistas. Sua visão é caracterizada como típica do Humanismo cristão e marcou época, tornando-o um dos mais importantes pensadores de seu tempo e que influenciou sobremaneira a pedagogia moderna. O texto apresenta uma visão aristocrática do conhecimento e identifica moral e educação. Esta era a mais importante característica do Humanismo cristão, corrente de pensamento identificada com o próprio Erasmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Erasmo de Roterdão. Humanismo cristão. Século XVI. Pedagogia.

**ABSTRACT:** The objective of this text is to introduce and discuss the pedagogic conception of Erasmus of Rotterdam (1466/69-1536) especially starting from the work: *Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis*, written in 1509 and published in 1529 – relating it with the Humanism's ideal. His vision is characterized as typical of the Christian Humanism and marked time; he became one of the most important thinkers of his age and influenced the modern pedagogy. The text presents one aristocratic sight of the knowledge and identifies morals and education. This was the most important attribute of the Christian Humanism, that can be identified with own Erasmus.

**KEY WORDS:** Erasmus of Rotterdam. Christian Humanism. 16<sup>th</sup> century. Pedagogy.

A primeira metade do século XVI viu desenvolver, nos meios intelectuais europeus, o Humanismo cristão, corrente de pensamento que florescera no século anterior e que teve

---

\* Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor da Universidade Estadual de Maringá, PR – UEM – Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: caatoledo@uem.br

em Erasmo de Roterdão (1466/69-1536) um de seus maiores expoentes. Essa corrente pretendia renovar a cultura e as artes revivendo, ou, tentando reviver, de modo idealizado, a cultura greco-romana da Antigüidade. Em todas as áreas do saber humano houve uma busca frenética pelo esplendor da Antigüidade. A designação “Humanista” era uma tentativa de distanciamento e diferenciação em relação à expressão “teólogo”, que era como os intelectuais eram chamados, genericamente, na Idade Média. Mesmo não querendo abandonar totalmente a religião, os Humanistas, ao cunharem a nova expressão, imprimiram, também, uma laicidade exposta na filosofia política, na arte e, na educação. E essa laicidade assumiu *status* de definição da própria intelectualidade, a partir de então. Como consequência, o ensino foi se tornando, paulatinamente, mais laico, e, compulsoriamente, uma pedagogia laica foi se instituindo ligada ao Humanismo.

As concepções erasmianas de educação e de pedagogia contribuíram decisivamente para a nova forma de se ensinar e para as novas formas de aprendizagem que caracterizaram o alvorecer do Mundo Moderno. A principal contribuição de Erasmo à pedagogia se deu com o seu pequeno manual de civilidade intitulado *Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis*<sup>1</sup> (*A precoce e liberal educação das crianças*), escrito em 1509 e só publicado em 1529. O texto era dirigido a seu amigo Conrado Heresbach (1490-1571), preceptor do Duque Guilherme de Trèves (1509-1590). Nele, Erasmo expressou sua visão educacional e reforçou uma pedagogia voltada para as crianças, algo incomum naquela época. Sua visão não deixava de ser, ainda, aristocrática, fator comum entre os Humanistas. Ocorre, porém, que tratar de educação infantil transformou-o num dos iniciadores de uma nova perspectiva educacional: a pedagogia voltada para o cuidado das crianças. Essa era uma consequência lógica e natural do pensamento Humanista. Ao ideal de antropologização da cultura haveria de corresponder uma nova pedagogia centrada no aprendiz. Assim era o pensamento Humanista ao qual a pedagogia de Erasmo se alinhou. Além disso, o texto de Erasmo era uma expressão bem acabada de um gênero pedagógico e literário que conheceria grande sucesso nos séculos seguintes: era, também, além de um tratado pedagógico, um manual de civilidade, tal como o seu *De civilitate morum puerilium* (*Civilidade pueril*), de 1530, obra pela qual Erasmo ficou conhecido como

---

<sup>1</sup> Doravante citado neste trabalho: *Declamatio de pueris...*

pedagogo devido à grande profusão de traduções deste opúsculo dedicado ao tema da etiqueta e das boas-maneiras (ERASMO, 1978).

A extraordinária profusão de estudos sobre autores da Antigüidade, o grande número de edições desses autores, fato inédito – e a correspondente necessidade de domínio de técnicas e métodos de entendimento do grego e do hebraico no século XV, prepararam o terreno para a grande aceitação que a discussão sobre os modos de aprender tiveram naquela época. A pedagogia era, além de tudo, necessária e os Humanistas, em geral, tiveram grande apreço por ela. Nesse particular eles anteciparam o papel que a educação e a pedagogia desempenhariam, posteriormente, na Modernidade.

Os Humanistas, especialmente aqueles que tiveram sua produção intelectual localizada no século XV, foram, também, grandes pedagogos. Eles, ao proporem novas formas de interpretação de textos antigos, desenvolveram uma nova relação do homem com a natureza e com a religião. Isso era baseado numa nova visão de homem, centro de tudo para eles. Assim, necessitaram, também, recorrer à discussão sobre os meios de aprendizagem e de ensino para garantir a veiculação e a efetividade de suas próprias idéias.

A intelectualidade européia dos séculos XV e XVI, majoritariamente ligada ao Humanismo, era continuadora do movimento iniciado por Francesco Petrarca (1304-1374), poeta aretino, cuja família, de origem florentina, amargava exílio em Arezzo. Sua poesia e sua prosa se tornaram referências obrigatórias pelo fato de tratarem humanamente um sentimento assazmente humano: o amor, numa loquaz elegância de estilo. Petrarca não foi apenas um grande poeta do século XIV. Ele foi, também, um dos mais importantes inspiradores do movimento Humanista que se desenvolveu logo a seguir. Mesmo considerando que ele não foi o único poeta a tratar do amor em seu tempo, seus escritos foram determinantes para o Humanismo e deram propulsão à escrita nas línguas vernáculas (KISTELLER, 1996, p. 127, 132).

Petrarca, genial inventor de soluções métricas e estilísticas diferentes, criou uma nova arte através do extraordinário domínio da língua falada, numa autenticidade imitada à exaustão, não só na poesia. Ele foi inspirador dos estudiosos que prezavam a linguagem como um importante patrimônio humano, contribuindo, assim, para a construção não só do ideário do Humanismo, mas, também, para o estabelecimento das línguas européias modernas. Ao lado de Dante Alighieri, seu contemporâneo, Petrarca, mesmo tendo presente

a cosmovisão medieval, ao dar expressão lingüística aos sentimentos humanos numa nova forma, desempenhou importante papel como pensador anunciador de novos tempos.

Ernst Cassirer (1874-1945), em seu já considerado clássico estudo sobre o Humanismo e o Renascimento, ressaltou o papel de Petrarca nas “letras européias” e o indicou como um dos precursores do modo de pensar moderno, centrado na consciência do próprio sujeito. Vejamos o que dizia o autor em 1926 sobre a obra petrarquiana:

Dela são abolidos todo e qualquer elemento estranho, demoníaco e sinistro, pois a atmosfera lírica não vê na natureza a oposição à realidade da alma, mas sente por toda a parte os vestígios e os ecos da alma. Assim, para Petrarca, a paisagem se transforma em espelho do eu. E nisso reside, evidentemente, não apenas uma libertação do sentimento de natureza, mas também uma limitação, pois justamente nessa sua função de refletir o espiritual, a própria natureza possui uma realidade apenas mediata e, por assim dizer, refletida. (CASSIRER, 2001, p. 236)

Tal espelhamento compunha homem e natureza. A natureza havia ficado mais próxima, pois, para ele, ela refletia a consciência, numa pungente antecipação do modo moderno de se ver a relação homem-natureza. Era um modo de pensar marcadamente diferente do comum e teve decisiva influência sobre a intelectualidade européia daquela época.

Outros dois importantes marcos da história do Humanismo são as figuras de Lourenço Valla (1406/7-1457) e de Giovanni Pico Della Mirandola (1463-1497). O primeiro escreveu em 1440 uma obra-chave do Humanismo. Trata-se do *Discurso sobre a falsa e enganadora doação de Constantino (De falso credita et ementita Constantini donatione)*. As forças do texto eram voltadas contra as pretensões papais de exercer, também, o poder civil. Durante a Idade Média, circulou pela cristandade, um texto chamado *Constitutum Constantini (Decreto de Constantino)*. Esse documento certificava a doação feita pelo imperador romano Constantino (314-337), de um terço do Império ao papa Silvestre I (314-335), em agradecimento por uma cura. O documento forneceu base jurídica para a formação do Estado pontifício e garantiu a aliança entre o Papado e o Império dos francos. Tanto em Roma quanto em Constantinopla, o documento fora aceito sem maiores reservas (FISCHER-WOOLPERT, 1991, p. 256-257). Lourenço Valla mostrou que o documento só circulara a partir do século VIII, entre os anos de 750 e 800 –

e que era falso. Seus argumentos mostraram os erros, a improbabilidade e as diferenciações contidas no próprio texto. Ele contribuiu, também, para a instauração da moderna concepção de história, para a qual, o “documento” assumiu decisivo caráter de autoridade. Seus estudos filológicos se tornaram referência para os pósteros. Não era um trabalho totalmente isento de ficção, mas, foi decisivo para o Humanismo e para o Renascimento (GINZBURG, 2002, p. 64-79, BLUM, 2003, p. 49-59).

O segundo marco importante do Humanismo do século XV foi Giovanni Pico Della Mirandola, cuja curta vida marcou decisivamente o mundo intelectual de seu tempo. Por volta de 1486, ele redigiu a *Oratio de hominis dignitate (Discurso sobre a dignidade do homem)*. O texto acabou ficando conhecido como o Manifesto do Humanismo. O título a ele dado não é injustificado. No primeiro parágrafo ele já selava a mais importante característica do Humanismo: a antropologização dos conceitos e das imagens mentais utilizadas:

Li nos escritos dos Árabes, venerandos Padres, que interrogado Abdala Sarraceno sobre qual fosse a seus olhos o espetáculo mais maravilhoso neste cenário do mundo, tinha respondido que nada via de mais admirável que o homem. Com esta sentença concorda aquela famosa de Hermes: “Grande milagre, ó Asclépio, é o homem”. <sup>2</sup>(DELLA MIRANDOLA, 1989, p. 49)

O curto texto se transformou uma importante referência intelectual. Seu autor colocara o homem no centro do Universo, como a maior maravilha, e, também, trouxera para a cena argumentativa, no mesmo nível e igualadas, as mais variadas fontes. A Bíblia, os Oráculos Caldaicos, autores árabes e judeus, filósofos da Grécia antiga, Zoroastro, autoridades cristãs, apareceram todos como fontes de seu pensamento Humanista. Ele os usara como recurso para reforçar a tese da magnitude do homem. O recurso serviu para abalar ainda mais o antigo “argumento de autoridade” que estava se esgotando como força intelectual e política. Autores não-cristãos passaram, assim, a ser utilizados com mais frequência como autoridades até que isso se tornasse um recurso usual entre os pensadores.

---

<sup>2</sup> Na página anterior, o texto latino: “Legi, Patris colendissimi, in Arabum monumentis, interrogatum Abdalam Sarracenum, quid in hac quase mundana scaena admirandum máxime spectaretur, nihil spectari homine admirabilius respondise cui sententiae illud mercurii adstipulatur: Magnum o Asclepi, miraculum est homo.”

Essa foi, com certeza, a maior contribuição de Giovanni Pico Della Mirandola ao Humanismo, além, é claro, do seu Manifesto a favor da “Dignidade do Homem”.

A tradutora portuguesa da *Oratio...*, Ganho (1989, p. 12), afirma:

É clara a preocupação em reivindicar um lugar próprio para a filosofia, sendo esta um investigar as causas dos processos da natureza, a razão do universo e do homem, os conselhos de Deus, enfim, os mistérios do céu e da terra. Tal tematização está ligada ao novo lugar conferido ao homem no universo, está ligada à dignidade do homem, diferente da concepção de homem da Idade Média, de que se distancia conscientemente, embora possua, assumidas ou não, muitas raízes desse mundo medieval.

As concepções medievais de homem e também de educação, ainda perdurariam por um largo tempo, convivendo com as concepções Humanistas, Renascentistas e, depois, Modernas, em conflito permanente quando associadas num mesmo autor, por exemplo. No entanto, não é demais reiterar que ele inaugurou uma diretriz investigativa importante e tipicamente Humanista ao não dar exclusividade aos pensadores cristãos em suas referências, como fontes de suas idéias. O procedimento não era, por certo, totalmente inusitado. Diferente era a força com a qual o argumento passaria a ser utilizado a partir dele (TOSSAINT, 2003, p. 91-105).

As transformações culturais operadas ou prefiguradas pelo Humanismo marcaram o clima intelectual do século XVI, e, em especial, um dos mais representativos e influentes pensadores da época: Erasmo de Roterdão. Seu pensamento configurou uma influente pedagogia que marcou decisivamente os pensadores de seu tempo. Tratava-se de uma pedagogia tipicamente Humanista e cristã. Ela valorizava a tradição, a cultura clássica, o cristianismo, mas era também marcada pela chegada dos novos tempos e dos modos de pensar característicos a esses novos tempos. Sua pedagogia ainda requeria uma nova subjetividade, mesmo não tendo sido, ainda, plenamente tematizada.

Os temas tratados por Erasmo eram tipicamente Humanistas e, no caso, também cristãos. Uma combinação própria de uma importante vertente do pensamento Humanista. Erasmo deu uma feição peculiar aos ideais Humanistas de educação e antecipou, nesse texto, a *Declamatio de pueris...*, muitas das teses da pedagogia moderna. Entre elas pode ser destacada a sua idéia de “aprendizagem no coletivo”, recurso comum e metodologia

bastante comum, também, da escola moderna e contemporânea. Nela, os alunos vêm sendo agrupados em classes de aprendizagem. Sua pedagogia precede a pedagogia jesuítica, que é muito mais conhecida e estudada por um número maior de pesquisadores, especialmente no tocante à aprendizagem, seriação, formação de professor e, ainda, incentivo à aprendizagem através de jogos e disputas. Segundo essa perspectiva é que podemos alinhar também a *Ratio Studiorum...*<sup>3</sup> (LUKÁCS, 1986, p. 357-454) como principal documento da pedagogia jesuítica, tornado público em 1599, não só como um dos pilares da pedagogia moderna, (ARNAUT DE TOLEDO, 2000, p. 181-187) mas, também, uma conseqüente evolução dos ideais do Humanismo cristão, do qual, sem dúvida, Erasmo foi um dos mais importantes expoentes.

A obra de Erasmo apresentou um programa de ensino fundado na natureza, no método e no exercício, cuja estratégia era baseada no ensino gradual e progressivo, das noções simples às mais elevadas, das fábulas às gramáticas grega e latina. Tudo isso iniciado pelo estudo da linguagem. Assim, segundo ele, seria possível moldar um bom caráter através da educação. O texto não é longo e é dirigido a um educador preocupado com a educação de seu aluno, um nobre. Nele são comuns exemplos sacados da vida cotidiana e as referências aos autores clássicos, cristãos ou não, demonstrando a grande familiaridade de seu autor para com a cultura clássica. Na dedicatória que precede o texto, podemos ler o que ele pensava de sua própria obra:

Enfim, trata-se de um método de educação particularmente ajustado à educação de filhos de príncipes, devido ao fato de que estes, mais do que outros, têm necessidade de uma educação correta, é oportuno então, que sejam instruídos de modo liberal.<sup>4</sup>(ERASMO, 1989, p. 93)

É importante lembrar que o significado dado por Erasmo à noção de educação liberal, é próximo de uma oposição à educação monástica (e Escolástica). Liberal, no texto, está mais para “educação pública” no sentido de aprendizagem coletiva. No trecho vemos, também, uma identificação não explícita entre Estado e Nobreza, de influência

---

<sup>3</sup> O documento foi amplamente debatido pela Ordem por quase 50 anos e serviu de base para a expansão e fundação de escolas.

<sup>4</sup> A edição aqui citada é a tradução italiana feita por Odilia Travesso e publicada em 1989. A tradução para o português, livre, foi realizada a partir dessa edição, por mim, C. A. A. T.

marcadamente platônica, uma importante característica do Humanismo cristão dos séculos XV e XVI. Assim, educar um príncipe ou um nobre, seria o mesmo que educar o Estado. A educação deveria ser pensada, então, juntamente com a política. Projeto pedagógico e projeto político teriam, assim, uma indissociabilidade.

A pedagogia erasmiana, ao tratar com acurada atenção a psicologia infantil, prefigurou a pedagogia e a educação modernas. A ligação feita por ele entre educação e moral acabou conformando o gosto burguês e a etiqueta, posteriormente. E, além disso, estiveram, segundo expressão de Norbert Elias (1897-1990) em um clássico texto de sociologia da cultura, na própria gênese do Mundo Moderno, como um processo chamado por ele de civilizador (ELIAS, 1994).

Acreditava Erasmo (1989, p. 98-101) que a educação das crianças era um dever e uma missão dos pais. Neste ponto, sua pedagogia também serviu de referência para os Reformadores, especialmente Felipe Melanchton (1497-1560), que viria a exercer decisiva influência sobre a educação alemã (FRANK, 2003). Ambos, Erasmo e Melanchton expuseram a face do Humanismo cristão que viria a moldar a pedagogia moderna.

Erasmo (1989, p. 101-104) entendia a educação num sentido moral, escolar e cultural. Era uma visão ampla de educação. Os métodos de ensino deveriam ser, naturalmente, mais amplos do que aqueles simplesmente escolares. Para ele, só a educação poderia superar a natureza, pois, ela pode preparar uma pessoa para a vida familiar e social. Tornar-se homem é a tarefa do indivíduo educado, segundo ele, não se nasce homem. Sem a educação, sem a instrução e sem a filosofia, o homem é inferior aos animais, conforme sua visão. Sem elas o homem recusa a própria racionalidade, valor supremo da condição humana. Assim, ele considerava o abandono intelectual um grande crime cometido pelos pais, e concebia os planos da pedagogia e da ética como indissociáveis.

Para Erasmo, que acreditava na bondade humana, o homem tende, naturalmente, para o bem. Toda pedagogia, segundo sua visão, deveria aproveitar o pendor infantil para a imitação e tornar o fato um fator da aprendizagem atentando para que as crianças não tenham hábitos ou exemplos ruins para imitarem. Desse modo, a educação, que é também uma moral, cumpriria seu destino e seu papel social (ERASMO, 1989, p. 110-111).

A base geral da educação, segundo o texto de Erasmo, é sustentada por três fatores, a saber:



A regra geral do sucesso do homem consiste principalmente em três fatores: a natureza, método e exercício. Com a expressão natureza quero dizer a disposição e a propensão natural ao bem. Chamo de método a doutrina que consiste em ensinamentos e preceitos. Defino exercício como o uso da disposição que a natureza deu e o método desenvolveu. A natureza requer um método, e o exercício, se não é regulado pelo método, fica sujeito a incontáveis erros e riscos. (ERASMO, 1989, p. 114)

A experiência se constitui assim, numa importante base de sólidos princípios morais (cristãos, naturalmente), e o método, pelo fato de ter função programática e preventiva, guia a natureza “possibilitando seu aperfeiçoamento através do exercício”. Nessa perspectiva, podemos entender que, para ele, “a natureza própria do homem seria a razão, manifestada nos dons particulares”. E, ao afirmar que “nenhuma idade é tenra demais para a aprendizagem (ERASMO, 1989, p. 114), Erasmo antecipou a concepção de educação infantil que só se formaria por volta do século XX. Sendo assim, o ensino deveria ser gradual e não fatigante (ERASMO, 1989, p. 147-149).

Outro aspecto da obra que nos chama a atenção é a defesa feita por ele do estudo das línguas como iniciador da formação de uma mentalidade aberta ao mundo da cultura. Para ele, aprender a falar é também aprender a pensar. E, nesse particular, ele reservaria um especial papel às mães. Só elas, segundo sua visão, poderiam fazer desenvolver grandemente a linguagem infantil, preparando os filhos para o aprendizado em geral. Para tal, seria necessário que as mães fossem, também, detentoras de conhecimentos gerais. Só assim poderiam exercer com plenitude a maternidade, que, para ele, inclui também, a responsabilidade pela introdução ao mundo da cultura. Assim, não tendo os pais as condições intelectuais necessárias, deveriam providenciar um bom professor o mais rápido possível. (ERASMO, 1989, p. 127-132).

Aos professores Erasmo (1989, p. 132-135) reservaria uma especial atuação. O perfil desenhado por ele de um bom professor aconselha:

- Professor deve se vestir de modo discreto;
- Não deve fadigar os alunos com excesso de exercícios;
- Deve ensinar através do jogo e não sobrecarregar seus alunos;

-Deve cultivar a afeição pelos alunos, com respeito;

-Não deve transformar o ensino em tortura;

-Não deve permitir que as mulheres ditem as regras.

O quadro construído mostra que sua pedagogia é de caráter moral. Só uma educação indissociavelmente ligada ao componente moral poderia, segundo seu propósito, obter melhores resultados. Trata-se de uma ligação que foi e é usada com frequência na escola que conhecemos. O recurso não é estranho para nós, no entanto, considerando as diferenças históricas entre a pedagogia moral de Erasmo e as políticas educacionais e teorias pedagógicas, ambas moralizantes e bem típicas de nosso tempo, vemos uma grande distância. As tentativas de emprego de “pedagogias morais” só mostram a ineficácia das instituições escolares contemporâneas. A escola de hoje, pouco educa e pouco ensina, e ainda, tem dificuldade de estabelecer relações de bons frutos com as demais Instituições e “agências” que, mesmo não tendo a função de educar, transmitem comportamentos e valores. Podemos nos perguntar pelas razões da grande disseminação de propostas pedagógicas eivadas de tal teor, tendo em vista que são tão populares quanto ineficientes.

Uma outra importante característica da pedagogia erasmiana é a defesa do caráter público da educação, por duas razões:

- a) a sociabilidade garantiria a retidão de caráter;
  - b) o poder público deve ser responsável pela formação cultural e moral dos jovens.
- (ERASMO, 1989, p. 135-143)

Vemos aí um esboço da configuração moderna da educação, sob responsabilidade do poder público. E como decorrente disso, também o esboço de uma concepção que reservaria ao poder público a responsabilidade pela condução da educação.

Enfim, Erasmo propunha uma pedagogia que estendia os ideais Humanistas, dando-lhes um método próprio e exercendo, posteriormente, grande influência devido à eficácia de suas técnicas. Isso possibilitou que ele viesse a ocupar um lugar de destaque na história da pedagogia. No entanto, tal fato não se deve exclusivamente ao pensamento de Erasmo.

Deve-se também, ao clima intelectual da época, quando os impulsos à mudança eram sempre muito fortes. E, ainda, podemos dizer que ele não se distanciou do ambiente eclesial no qual foi formado. Nesse, o papel reservado às mulheres não era o de igualdade com os homens. Na sua pedagogia ressoam visões comuns a tal ambiente. Sua pedagogia é, enfim, forte e claramente indicada à educação de meninos, e, fiel ao espírito Humanista. O texto exemplifica e desenvolve os ideais que se formaram desde o século XIV a partir de Petrarca.

A união entre educação e moral não foi uma solitária pregação erasmiana no século XVI. Outros autores marcaram suas concepções pedagógicas fazendo a mesma ligação. Skinner (1996, p. 250-262) indica mais de uma dúzia de autores, especialmente ingleses e italianos, que escreveram textos destinados à educação de príncipes e nobres partindo da identificação entre nobreza e Estado, entre moral e educação. Essa identificação serviu de alavanca para a unificação das monarquias européias e mobilizou muitos jovens nobres para o estudo nas universidades com o intuito, também, de garantirem posses e exercício de poder numa nova ordem político-jurídica que se formava pouco a pouco na Europa ocidental. A educação, a pedagogia e os métodos de ensino passariam, assim, a constituir o patrimônio político e cultural da sociedade moderna.

### **Referências:**

ARNAUT DE TOLEDO, César de Alencar. Razão de estudos e razão política: um estudo sobre a *Ratio Studiorum*. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 22, n. 1, p. 181-187, 2000.

BLUM, Paul Richard. Lorenzo Valla (1406/7-1457): Humanismo como filosofia. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Filósofos da Renascença*. São Leopoldo: UNISINOS. 2003. p. 49-59.

CASSIRER, Ernst. *Indivíduo e cosmos na Filosofia do Renascimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DELLA MIRANDOLA, Giovanni Pico. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Lisboa: Edições 70. 1989.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2 v. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

ERASMO. *A civilidade pueril*. Lisboa: Estampa. 1978.

\_\_\_\_\_. *L'educazione precoce e liberale dei fanciulli (Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis)*. In: \_\_\_\_\_ *La formazione cristiana dell'uomo*. Milão: Rusconi. 1989. p. 85-163.

FISCHER-WOOLPERT, Rudolf. *Léxico dos papas*. De Pedro a João Paulo II. Petrópolis: Vozes. 1991.

FRANK, Günter. Felipe Melanchton (1497-1560): a filosofia do reformador. In: BLUM, Paul Richard (org.) *Filósofos da Renascença*. São Leopoldo: UNISINOS. 2003. p. 158-173.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

KRISTELLER, Paul Otto. *Humanism*. In: SCHMITT, Charles B./ SKINNER, Quentin (ed.) *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge: CUP. 1996. p. 111-137.

LUKÁCS, Ladislaus (S.I.) (ed.) *Monumenta Paedagogica*, V. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu. 1986.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia da Letras. 1996.

TOUSSAINT, Stéphane. Giovanni Pico Della Mirandola (1463-1494): Conciliação sintética de todas as filosofias. In: BLUM, Paul Richard. *Filósofos da Renascença*. São Leopoldo: UNISINOS. 2003. p. 90-105.

Recebido: fevereiro/2004  
Aprovado: abril/2004